

A História Ambiental e as Eras do Homem e do Capital

Wallace Marcelino da Silva¹, Carlos José Saldanha Machado²,
Rodrigo Machado Vilani³

RESUMO

O artigo tem por objetivo estabelecer as relações entre a História Ambiental e a sua dinâmica com o Capitaloceno e o Antropoceno, destacando sua importância para análises de questões ambientais atuais. A questão ambiental tem sido revisitada a partir de conceitos como Capitaloceno e Antropoceno. Uma análise comparada desses conceitos por meio da perspectiva da História Ambiental pode contribuir para construir visões mais integradas dentro das relações Sociedade/Natureza. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, publicada entre 2016 e 2021, que abordasse temas e análises dentro do campo de conhecimento da História Ambiental assim como os conceitos de Capitaloceno e Antropoceno. Os resultados demonstram que os estudos da História Ambiental vêm crescendo junto aos trabalhos sobre as diversas visões do Antropoceno. Por outro lado, há uma escassez de trabalhos na área do Capitaloceno. Conclui-se que a História Ambiental com suas análises de longa duração constitui um campo de conhecimento com contribuições específicas para as reflexões críticas e para a politização da questão ambiental. A contribuição da pesquisa está na construção de elementos para uma análise crítica do conceito de Antropoceno, a partir da História Ambiental, e no fortalecimento das discussões quanto às diferenças, forças e formas de relação entre sociedade e natureza trazidas pelo Capitaloceno.

Palavras-chave: crises ambientais; sociedade; natureza; antropoceno.

¹ Doutorando do programa de Pós-graduação em Meio Ambiente (Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ). ORCID: 0000-0003-2052-2511. E-mail: wallace.marcelino@gmail.com

² Doutor em Antropologia Social (Universidade Paris V - Ciências Sociais, Sorbonne, Paris, França). Pesquisador Titular em Saúde Pública - Fundação Oswaldo Cruz/RJ. ORCID: 0000-0001-7642-1379. E-mail: carlos.saldanha@fiocruz.br.

³ Doutor em Meio Ambiente (Universidade do Estado do Rio de Janeiro-UERJ). Professor Adjunto na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). ORCID: 0000-0002-8286-1677. E-mail: rodrigo.vilani@unirio.br

A História Ambiental é um campo do saber científico que busca trazer a natureza para os estudos de história. Pádua⁴ situa sua estruturação como campo historiográfico na década de 1970, nos Estados Unidos da América (EUA), apesar de serem identificadas análises histórico-ambientais no século XIX. Esse campo do conhecimento analisa as interações dos seres humanos com o mundo biofísico, do qual os elementos da paisagem como florestas, rios, montanhas ou planícies não são meros apêndices inertes e esquecidos no tempo. A História Ambiental encontra-se em grande expansão por parte de pesquisadores voltados para a compreensão das complexidades das paisagens e dos territórios⁵.

Como forma de contribuir para esse conjunto de esforços teóricos e metodológicos da História Ambiental, esse artigo tem como premissa a ruptura com a dualidade sociedade-natureza. Analisa a complexidade da relação e das influências dos modos de produção e das dinâmicas sociais e políticas com o equilíbrio ecológico e climático do planeta a partir de uma problematização do tempo humano⁶.

O artigo tem por objetivo estabelecer as relações entre a História Ambiental e os conceitos de Capitaloceno e Antropoceno, destacando sua importância para análises das crises ecológicas globais da atualidade.

Os conceitos de Antropoceno e Capitaloceno são possíveis explicações para estas crises ecológicas globais onde apresentam alguns pontos convergentes e muitas abordagens discordantes frente a imensa complexidade de usos políticos, históricos, sociais e culturais das sociedades do planeta. A era do Antropoceno⁷, conceito hegemônico dentro dos debates relacionados às sucessivas crises ecológicas no planeta, é vista como uma era geológica na qual as sociedades humanas se transformam em forças motrizes que causam mudanças profundas no planeta. O Capitaloceno⁸ compreende as mudanças ambientais no planeta segundo as diversas

⁴ José Augusto Pádua. "As Bases Teóricas Da História Ambiental." *Estudos Avançados* 24, no. 68 (2010): 81–101.

⁵ José Augusto Pádua e Alessandra Izabel de Carvalho. "A Construção de Um País Tropical: Uma Apresentação Da Historiografia Ambiental Sobre o Brasil." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27, no. 4 (2020): 1311–40.

⁶ Enrique Leff. "Construindo a História Ambiental da América Latina." *Esboços* 12, no. 13 (2005): 11-29.

⁷ Maria Clara Catanho Cavalcanti. "Antropoceno: A Construção Discursiva de Um Conceito." *Revista Investigações* 34, no. 2 (2021): 1–28.

⁸ Jason W. Moore. "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594–630.

sociedades humanas, i. e., as diferenças históricas, culturais, políticas e epistemológicas nas relações das sociedades humanas com o planeta⁹.

O Capitaloceno oferece uma importante contribuição frente à falta de politização expressa pelo Antropoceno porque busca entender as contradições históricas dentro das sociedades humanas a partir de suas diferenças na apropriação das riquezas naturais e vivências com o mundo natural não-humano. Questiona o capitalismo por dentro, situando-o dentro das conjunturas hegemônicas existentes e propõe novas formas de relações com a natureza opostas à mera privatização e mercantilização¹⁰. O capitalismo é um sistema que não reconhece seus limites, pois busca o aumento da produção frente aos territórios dos mais diversos povos do planeta buscando a redução dos custos, mesmo que para isso, o planeta seja privatizado para os mais ricos por conta da aliança entre estados nacionais e empresas privadas¹¹.

A História Ambiental busca enfatizar as particularidades das relações das sociedades humanas com o planeta ao longo do tempo histórico e pode contribuir na compreensão das sucessivas crises sistêmicas em relação à economia, à segurança alimentar, à moral, às epidemias, às ontologias e outras crises que ameacem a vida, principalmente das comunidades colocadas em situação de vulnerabilidade social e ambiental. Este campo do saber reforça a emergência da compreensão de paradigmas liberais inseridos dentro da Era do Capitaloceno, já que o conceito de Antropoceno possui limitações de análise segundo à complexidade do mundo atual¹².

A inserção da História Ambiental em estudos atuais dentro dos conceitos de Capitaloceno e Antropoceno, pode ser visualizada no aumento da produção bibliográfica em temáticas ligadas à relação Sociedade e Natureza por conta das crises ambientais globais que colocam o planeta em risco¹³.

⁹ Eduardo Barcelos. "Antropoceno Ou Capitaloceno: Da Simples Disputa Semântica à Interpretação Histórica Da Crise Ecológica Global." *Revista Iberoamericana de Economía Ecológica* 31, no. 1 (2019): 1–17.

¹⁰ Benilson Borinelli, Fabio Coltro, Josiane Rowiechi e Kauana Rosa da Silva. "Natureza Barata e Desigualdade Hidrossocial No Capitaloceno." *Revista Gestão & Conexões* 9, no. 3 (2021): 122–46.

¹¹ Birgit Mahnkopf e José Bellver Soroa. "Geopolítica en el Capitaloceno". *Papeles de relaciones ecosociales y cambio global*, 146 (2019): 35-45.

¹² Enrique Leff. "Ambiente Viral," no. 2 (2021): 1–26.

¹³ José Augusto Pádua e Alessandra Izabel de Carvalho. "A Construção de Um País Tropical: Uma Apresentação Da Historiografia Ambiental Sobre o Brasil." *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27, no. 4 (2020): 1311–40.

A contribuição desse estudo está na construção de elementos para uma análise crítica do conceito de Antropoceno, a partir da História Ambiental, para relacionar a complexidade ambiental e climática com a diversidade das sociedades do planeta no tempo e no espaço. E, assim, trazer questões e inquietações quanto às diferenças, forças e formas de relação entre sociedades e natureza e promover um debate quanto às responsabilidades pelo desequilíbrio ecológico e climático do planeta dentro da perspectiva da isonomia instaurada pela lente do Capitaloceno.

1. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão integrativa. A questão norteadora consiste em identificar a importância do campo da História Ambiental para os debates em torno do Capitaloceno e do Antropoceno, enfatizando os contrapontos existentes entre estes dois conceitos.

Para o levantamento dos artigos foi utilizado um recorte temporal de cinco anos, abrangendo o período de 2016 a 2021, com busca em duas bases de dados: *Google acadêmico* e *SciELO*, de forma a analisar o conjunto de pesquisas mais recentes sobre os temas selecionados. A busca foi estruturada a partir de três descritores em português, inglês e espanhol, História Ambiental, Environmental History Capitaloceno, Anthropocene, Capitalocene e Antropoceno. Não foram considerados livros, teses, monografias e dissertações. A partir da leitura dos artigos, foram selecionados aqueles nos quais foi estabelecida uma correlação entre os três conceitos. A partir do resultado da seleção, foi elaborado um quadro contendo: título, autores, revista, ano de publicação, objetivo e considerações finais.

2. RESULTADOS

Por meio da pesquisa realizada foram identificados 11 artigos científicos (Quadro 1). Sendo dois trabalhos de História Ambiental dos periódicos *Halac Solcha* (especializado em História Ambiental) e outros dois trabalhos do *The Journal of Peasant Studies*. Todos os demais trabalhos contabilizaram periódicos diferentes para este estudo (*Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*; *Letras Verdes - Revista*

Latinoamericana de Estudios Socioambientales; Revista Luna Azul; Actuel Marx; e-cadernos CES; Revista Virtual de Química; Novos Cadernos NAEA).

Em relação aos idiomas, foram encontrados: (i). dois artigos escritos em língua inglesa; (ii). três artigos em língua espanhola; (iii). seis artigos em língua portuguesa. Quanto ao ano de publicação, dois artigos foram publicados no ano de 2016, um artigo em 2017, quatro artigos em 2018, um artigo em 2019, dois artigos em 2020 e um artigo em 2021.

Os temas propostos pelos artigos foram diversificados. Cinco artigos versaram sobre os debates entre os conceitos de História Ambiental, Antropoceno e Capitaloceno em questões epistemológicas e os outros seis estabeleceram questões referentes às crises ambientais do planeta, relacionadas aos conceitos de Capitaloceno e Antropoceno.

Quadro 1: Caracterização dos artigos.

Título do artigo	Autores	Objetivo	Metodologia	Periódico e ano	Consideração final
Considerações sobre a ética-política na História (Ambiental): escalas e o presentismo da devastação	Arruda, G; Colacios, R.	Promover o debate entre a História Ambiental e a responsabilidade de de estudiosos sobre o tema natureza/sociedade.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, livros e capítulos de livros.	Halac Solcha (2019)	Destaca a importância da História Ambiental como intermediadora do conhecimento advindo das relações Sociedade e Natureza, assim como o papel dos pesquisadores e estudiosos destes temas.
Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores	Silva, A. F.; Lopes, G.	Entender os impactos do Antropoceno na História a partir das 4 teses do Dipesh Chakrabarty.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, livros e capítulos de livros.	Halac Solcha (2021)	Aponta a importância do debate do conceito de Antropoceno a partir dos desdobramentos das teses do pensador indiano e suas reflexões sobre as contradições ambientais atuais.
O Antropoceno como Regime de Historicidade	Lopes, A.R.S; Viana Junior, M.M.	Compreender o Antropoceno como Regime de Historicidade.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, livros e capítulos de livros.	Revista Brasileira de História e Ciências Sociais (2020)	Relaciona a emergência do conceito de Antropoceno com suas relações frente à História Ambiental.

Título do artigo	Autores	Objetivo	Metodologia	Periódico e ano	Consideração final
The Capitalocene, Part I: on the nature and origins of our ecological crisis	Moore, J.W.	Entender as Origens das crises ecológicas sobre a ótica do conceito de Capitaloceno.	Estudo realizado a partir de fontes primárias e secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	The Journal of Peasant Studies (2017)	Situa as origens do capitalismo a partir de épocas históricas mais pretéritas e busca enfatizar as diferenças entre os conceitos de Antropoceno e Capitaloceno.
The Capitalocene Part II: accumulation by appropriation and the centrality of unpaid work/energy	Moore, J.W.	Diferenciar os regimes de acumulação do capital dentro do Capitaloceno e mostrar os equívocos do Antropoceno.	Estudo realizado a partir de fontes primárias e secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	The Journal of Peasant Studies (2018)	Apresenta as transformações sociais ecológicas a partir da noção de natureza barata proposta pelo autor e mostrar mais contradições do Antropoceno para afirmar e depois questionar a Era do Capital ou Capitaloceno.
¿Por qué se debe considerar al marxismo ecológico en la era del capitaloceno?	Escalera-Briceño, A.; Ángeles-Villa, M; Palafox-Muñoz, A.	Demonstrar a importância da análise de um marxismo ecológico dentro da Era do Capitaloceno.	Estudo realizado a partir de fontes primárias e secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales (2018)	Evidencia que o marxismo de viés ecológico é cada vez mais importante para a compreensão do Capitaloceno.
Naturaleza Y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios entre la historia ambiental y la antropología	Dichdji, A.	Apontar os possíveis diálogos entre a História Ambiental e a Antropologia.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	Revista Luna Azul (2016)	Discute, com base em um conjunto de exemplos, as relações epistemológicas entre a História Ambiental e a Antropologia.
Sobre La Naturaleza realmente existente, la entidad 'America' y los orígenes del Capitaloceno. Dilemas y desafíos de especie.	Aráoz, H.M.	Situar as origens da palavra natureza e relacionar com o continente americano e a Era do Capitaloceno.	Estudo realizado a partir de fontes primárias e secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	Actual Marx (2016)	Destaque o chamado descobrimento da América é uma das origens da era do Capital em nossos tempos atuais.

Título do artigo	Autores	Objetivo	Metodologia	Periódico e ano	Consideração final
Forças de reprodução. O ecofeminismo socialista e a luta para desfazer o Antropoceno.	Barca, S.	Demonstrar que o Antropoceno é um conceito conservador que agrada aos opressores de povos através de paradigmas anti feministas e socialistas.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	E-cadernos CES (2020)	Questiona o Antropoceno e mostra como ele é um conceito hegemônico que ajuda na dominação do mundo em prol de uma minoria capitalista.
Antropoceno: Os Desafios de um Novo Mundo	Silva, C. M.; Arbilla, G.	Explicar algumas dimensões epistemológicas e correntes do Antropoceno.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	Revista Virtual de Química (2018)	Demonstra algumas peculiaridades do surgimento do conceito de Antropoceno e seus desdobramentos epistemológicos.
Etnoconservação e história ambiental para um novo modelo conservacionista do século XXI	Barbosa, J.A.A; Aguiar, J.O.	Relacionar a Etnoconservação e a História Ambiental como ciências integrativas e modelos de conservação para o século XXI.	Estudo realizado a partir de fontes secundárias: periódicos científicos, revistas, matérias de jornais, livros e capítulos de livros.	Novos Cadernos NAEA (2018)	A História Ambiental é uma ciência integrativa que é um campo de saber importante para outras ciências como a Etnoconservação buscando outros paradigmas ecológicos de conservação da natureza.

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos resultados (Quadro 1), foram definidos quatro temas centrais: (i). a origem das crises ambientais atuais; (ii). o papel do ser humano e das sociedades para a destruição do planeta; (iii). qual conceito - Antropoceno ou Capitaloceno - é o mais adequado para explicar as crises ambientais; (iv). a relação da História Ambiental com estes dois conceitos.

3. DISCUSSÃO

A História Ambiental possui algumas características distinguíveis dentro das quatro temáticas encontradas nesta pesquisa. Os estudos são interdisciplinares e buscam ferramentas epistemológicas em outros campos científicos como a Geografia, a Antropologia, a Sociologia e a Economia¹⁴. É um campo do saber que exige uma análise temporal ampla. Possui uma relação com o Antropoceno porque este conceito demonstra as várias práticas dos seres humanos que têm resultado em seguidas crises ambientais.

Enquanto um campo de conhecimento, a História Ambiental proporciona e determina compromissos ético-políticos sobre nossas relações com a natureza, embora os juízos de valor sejam diferentes se entendermos o mundo na perspectiva do Antropoceno ou do Capitaloceno. As crises ambientais contemporâneas têm origem em eventos passados, contudo é demonstrada a sua importância ao assumir debates dentro das relações sociedade/natureza na História Ambiental¹⁵. Alimonda¹⁶ propõe uma definição de História Ambiental, onde as interações humanas e extra-humanas sempre estão intrinsecamente ligadas: “Quiero proponer, entonces, otra definición de historia ambiental: es el estudio de las interacciones entre sociedades humanas y el medio natural a lo largo del tiempo, y de las consecuencias que de ellas se derivan para ambos, incluyendo las interacciones naturales mediadas por los humanos, y las interacciones humanas mediadas por la naturaleza.”

Para Gallini existem, ao menos, três direções possíveis no campo dos estudos histórico-ambientais, quais sejam, as investigações quanto: (i). às interações de determinadas sociedades com ecossistemas específicos; (ii). às noções culturais da relação sociedade-natureza; (iii). à política ambiental¹⁷.

Uma quarta direção, na qual amplia-se o espectro da primeira indicação de Gallini, é necessária para promover a análise proposta, por meio da qual a História

¹⁴ Ayelen Dichdji. “Naturaleza y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios Entre La Historia Ambiental y La Antropología.” *Revista Luna Azul* 44 (2017): 277–93.

¹⁵ José Aécio Alves Barbosa e José Otávio Aguiar. “Etnoconservação e História Ambiental Para Um Novo Modelo Conservacionista Do Século XXI.” *Novos Cadernos NAEA* 21, no. 1 (2018): 243–55. .

¹⁶ Héctor Alimonda, *La colonialidad de la naturaleza*, Una aproximación a la Ecología Política (Buenos Aires: Ciccus, 2011), 32.

¹⁷Stefania Gallini. “Invitación a La Historia Ambiental.” *Tareas* 120 (2005):5-27

Ambiental volta-se para as diferenças intrínsecas ao conjunto das sociedades do planeta, as diversas formas de interação com a natureza e os impactos ambientais do capitalismo mundial. Este campo pode ser apresentado como uma narrativa histórica de nosso tempo, então deve-se contar a história na Era do Capitaloceno como História Ambiental de fato e de direito.

A História Ambiental pode apresentar características próprias e adaptações em todas as regiões do mundo, como na obra *Natureza colonizada de Alimonda*. Aqui, a conquista dos vastos territórios da América Latina resultou em destruição sistemática de povos nativos e do meio biofísico nativo cultural ao longo do período colonial e que continua até nossos dias. A colonização dos povos americanos é também a colonização de seus ambientes naturais¹⁸.

Ao fornecer elementos para ampliar o espectro de análise do Antropoceno, a História Ambiental contribuirá para uma compreensão do Capitaloceno situada segundo aspectos temporais e norteada pelas diferenças estruturais e estruturantes do processo de acumulação capitalista. A responsabilidade pelos desastres ambientais irá variar de acordo com o tipo de atividade econômica.

O conceito de Antropoceno foi cunhado pelo químico Paul Crutzen, natural da Holanda, pela primeira vez em 2000. Em artigo da revista *Nature*¹⁹, buscou as raízes desta época geológica para fins do século XVIII com a descoberta da Máquina a vapor de James Watson. Desde então, a revolução industrial tem acelerado a utilização dos recursos naturais do planeta por parte da humanidade e inviabilizado a vida na Terra. Tal aceleração do uso do planeta encontra sua potencialidade máxima após a segunda grande guerra e, hoje, a humanidade vive o apogeu da destruição provocada pelos seres humanos, cujos efeitos são sentidos principalmente com as mudanças climáticas.

Existem autores que discutem outras datas para o início do Antropoceno fora da Revolução Industrial ou grande aceleração. Suas raízes podem ser entendidas pelos processos geoquímicos perpetrados pela humanidade desde seus primórdios, assim

¹⁸ *Ibid*, 2011.

¹⁹ Paul J. Crutzen, *Geology of mankind* Crutzen, *Nature* 415, 23, (2002).

como a revolução agrícola do período neolítico há 11.000 anos. Desde então, nenhum outro organismo vivo alterou tão profundamente a realidade do planeta como o ser humano.²⁰

O início do Antropoceno também pode ser entendido a partir de mudanças impostas pelas sociedades humanas em relação ao aperfeiçoamento de técnicas desde a descoberta do fogo, antes da revolução agrícola que permitiu a evolução humana ao longo do tempo histórico em inúmeras sociedades com variados graus de cultura que chegaram ao ápice durante as grandes navegações cujo choque de mundo resultou em um início do Antropoceno no ano de 1610²¹. O Antropoceno é um conceito que, apesar de ostentar a primazia nos estudos recentes sobre o papel dos efeitos das sociedades humanas no mundo, está longe de apresentar um consenso entre os estudiosos do tema.

Por outro lado, o conceito de Capitaloceno foi proposto e desenvolvido por Jason Moore²² no ano de 2015, como uma alternativa ao Antropoceno. Dentro desta perspectiva, o sistema econômico capitalista não deve ser visto apenas pela ótica econômica, mas principalmente como uma nova era geológica onde a natureza e as mais diversas sociedades humanas são transformadas em novos padrões de acumulação de capital e apropriação da natureza em escalas jamais vistas anteriormente. Seu início ocorre a partir das trocas comerciais oriundas do período das grandes navegações onde os europeus se encontraram com outros mundos e estabeleceram as bases para uma outra relação sóciohistórica.

Silva e Arbilla²³ discorrem sobre o Antropoceno como algo puramente físico e destituído de problemáticas socioambientais, como uma ruptura em sistemas naturais do planeta no qual o ser humano seria uma nova força atuante sobre importantes ciclos da Terra. Os autores explicam sobre indicadores ambientais que marcariam o Antropoceno, principalmente no período conhecido hoje como grande aceleração. Neste período podem ser vistos os indicadores ecológicos globais que demonstram a

²⁰ Will Steffen et al. The Anthropocene: conceptual and historical perspectives. *Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, v. 369, n. 1938, (2011) p. 842-867.

²¹ Simon L. Lewis e Mark A. Maslin, Defining the anthropocene. *Nature*, v. 519, n. 7542, (2015) p. 171-180.

²² Jason W. Moore, *Capitalism in the web of life: Ecology and the Accumulation of Capital* (London: Verso, 2015).

²³ Cleyton M. da Silva e Graciela Arbilla. "Anthropocene: The Challenges for a New World." *Revista Virtual de Química* 10, no. 6 (2018): 1619-47.

utilização massiva do planeta por atividades econômicas humanas como a acidificação dos oceanos e a destruição das florestas tropicais.

É um conceito que agrada aos negacionistas climáticos por apresentar uma ideia conveniente aos que se apropriam das riquezas do planeta. Também escamoteia as engrenagens históricas como os papéis do imperialismo e do capitalismo frente às crises ecológicas globais e às injustiças ambientais. Silva e Lopes²⁴ apresentam as 4 teses do pensamento do indiano Chakrabarty em relação ao Antropoceno: (i). fim da dualidade humanista - História Natural/ História humana; (ii). humanidade como força geológica impactante da globalização; (iii). diálogo das histórias globais do capital com a história humana; (iv). tensionamento entre a história da espécie humana e a história do capital. Contudo, as ideias do indiano ainda consideram as mudanças planetárias algo além do capitalismo e também consideram os pobres como agentes transformadores dentro do Antropoceno, só que diferente.

O artigo de Moore²⁵ enfatiza a emergência do Capitaloceno frente ao conceito de Antropoceno por explicar que os problemas ambientais atuais estão extrinsecamente ligados ao sistema capitalista que impera na maior parte do planeta. Moore liga as origens do termo já com as grandes navegações onde os objetivos das potências imperiais da época sempre foi o de encontrar novos territórios em busca de riquezas para venda dos mercados da época. Contudo, estas riquezas estão dentro dos territórios de vários povos que perderam suas identidades e foram massacrados pelo poder colonial. Todo este pensamento está ligado a uma visão dualista de separação entre ser humano e natureza.

Moore exemplifica que a tentativa de homogeneização das culturas mundiais como pertencentes a uma espécie humana como um todo, esconde as incongruências do capitalismo escamoteando o que legitima o sistema, como o imperialismo e o

²⁴ André Felipe Silva e Gabriel Lopes. "Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores", *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, 11, n. 2 (2021): 348-396.

²⁵ Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594-630..

racismo de nações mais ricas (EUA, Inglaterra, França). A ideia de um Antropoceno para a humanidade soa despolitizada e ingênua²⁶.

Para Barca²⁷, o conceito de Antropoceno continua sendo hegemônico por ter em vista que a tecnologia capitalista irá resolver os problemas decorrentes das atividades humanas. Contudo, para a discussão quanto à opressão, dominação e alienação do sistema capitalista, perspectivas ecológicas como as ecofeministas podem ser importantes ferramentas conceituais para reforçar a visão dos problemas planetários a partir do Capitaloceno.

A História Ambiental surge como um campo de estudos mais integrado por não situar o que chamamos como natureza, com uma visão puramente estética ou cenário de fundo dentro da análise histórica²⁸. Dichdji enfatiza as interações entre dinâmicas sociais e dinâmicas naturais, como os vínculos que os mais diversos povos da Terra possuem com o mundo natural biofísico em processos produtivos, tecnológicos, culturais e reprodutivos²⁹. A História Ambiental como ciência de síntese considera que os efeitos do passado sobre a natureza do passado não podem ser esquecidos hoje em dia³⁰.

A ideia de Capitaloceno é adotada por Escalera-Briceño, Ángeles-Villa e Palafox-Muñoz³¹ como uma forma de ver o mundo como uma unidade integradora onde são produzidas novas realidades a partir da intensificação dos problemas socioambientais ocasionados pelas próprias atividades econômicas do sistema capitalista dominante. Por exemplo, o Sul Global se torna mero provedor barato de mercadorias, sem qualquer contrapartida para os povos que habitam estes países. Alertam contra as armadilhas epistemológicas de ver apenas sociedades na natureza ou naturezas sem sociedades.

²⁶ Jason W. Moore "The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy." *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237–79.

²⁷ Stefania Barca. "Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*." *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

²⁸ Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. "O Antropoceno Como Regime de Historicidade." *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9–24.

²⁹ Ayelen Dichdji. "Naturaleza y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios Entre La Historia Ambiental y La Antropología." *Revista Luna Azul* 44 (2017): 277–93.

³⁰ José Aécio Alves Barbosa e José Otávio Aguiar. "Etnoconservação e História Ambiental Para Um Novo Modelo Conservacionista Do Século XXI." *Novos Cadernos NAEA* 21, no. 1 (2018): 243–55.

³¹ Alejandro Escalera-Briceño, Manuel Ángeles-Villa e Alejandro Palafox-Muñoz. "¿Por Qué Se Debe Considerar Al Marxismo Ecológico En La Era Del Capitaloceno?" *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, no. 23 (2018): 69–90.

Aráoz³² analisa o Capitaloceno a partir de origens mais antigas do que as propostas pelo Antropoceno, mais precisamente após a era dos chamados grandes descobrimentos. O capitalismo transformou o mundo em algo novo, mas privatizou os corpos humanos e a natureza em igual proporção. A tese central do seu trabalho é a visão da conquista do continente americano com a destruição de milhares de culturas e a tomada de seus territórios como marco do capitalismo.

3.1 CRISES AMBIENTAIS PLANETÁRIAS

A emergência das crises ambientais decorrentes de atividades humanas colaborou para uma nova inserção dos seres humanos no mundo natural. Dentro do Antropoceno, a dominação humana sobre os chamados recursos naturais, encontra outras perspectivas por causa da finitude destas riquezas biofísicas do planeta. Esta emergência paradigmática moderna fez com que as atividades humanas fossem vistas dentro do escopo de diferentes historicidades³³.

Uma ideia perigosa surge nas nuances do Antropoceno, um aquecimento global realizado por toda a humanidade e sem qualquer distinção sobre as desigualdades sociais, políticas e culturais. A generalização invisibiliza o nexo de causalidade entre as mudanças climáticas e o sistema capitalista. A era geológica do Antropoceno escamoteou as diferenças entre os povos da Terra sob a luz de uma grande crise ambiental realizada por toda a humanidade³⁴.

O Antropoceno carrega múltiplos significados dentro do contexto das graves mudanças proporcionadas por sociedades humanas no planeta, o que configura um desafio gigantesco para a humanidade. Ocorrem fraturas na origem do termo que foi entendido como uma força geológica plena que está levando à destruição sistemática do que conhecemos como natureza.

³² Horacio Alejandro César Machado Aráoz, "Sobre la Naturaleza realmente existente: la entidad 'América' y los orígenes del Capitaloceno". *Actual Marx*, n° 20 (2016).

³³ Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. "O Antropoceno Como Regime de Historicidade." *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9–24..

³⁴ Andreas Malm e Alf Hornborg. "The Geology of Mankind? A Critique of the Anthropocene Narrative." *Anthropocene Review* 1, no. 1 (2014): 62–69.

Todavia, dentro destas fraturas ocorre uma dimensão política por justiça ambiental onde os adeptos do Antropoceno tornam-se mais reflexivos diante das múltiplas clivagens existentes entre as sociedades humanas e seus usos histórico-culturais dentro do mundo onde vivem³⁵.

O Antropoceno pode ser visto como uma aritmética verde, onde os seres humanos são vistos de uma forma homogênea, provocando o colapso da natureza por suas ações no planeta. O Capitaloceno se opõe a essa perspectiva ao questionar os mitos das sociedades liberais que acreditam que a modernização tecnológica será suficiente para o equilíbrio ambiental e climático do planeta.

O Antropoceno é um conceito onde se entende todos os seres humanos do planeta como uma força geológica indistinta, onde as mais diversas sociedades constroem narrativas sobre os fenômenos ecológicos e culturais de maneira uniforme sobre as crises ambientais globais. Tais narrativas encontram fenômenos como as mudanças climáticas e as mais diferentes políticas econômicas das nações do mundo³⁶. A grande aceleração aumentou a intensidade dos impactos antrópicos globais, porém as desigualdades sociais, políticas e econômicas podem ser melhor entendidas por metodologias de campos de conhecimento como as dos historiadores ambientais³⁷.

O Antropoceno pode ser questionado a partir de seus quatro níveis de invisibilização a saber: (i). as relações coloniais são escondidas para uma epistemologia eurocêntrica; (ii). as relações humanas entre gênero são esquecidas para que a ciência e a tecnologia resolvam possíveis conflitos; (iii). as extremas desigualdades de classes nos países ricos e pobres quase não existem nas narrativas do Antropoceno porque esse tipo de exploração é deixado de lado como algo menor; (iv). as relações entre as espécies humanas e não-humanas são desprezadas porque o antropocentrismo

³⁵ André Felipe Silva e Gabriel Lopes. "Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores", *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, 11, n. 2 (2021): 348-396.

³⁶ Cleyton M. da Silva e Graciela Arbillá. "Anthropocene: The Challenges for a New World." *Revista Virtual de Química* 10, no. 6 (2018): 1619-47.

³⁷ Gilmar Arruda e Roger Colácios. "Considerações Ético-Políticas Na História (Ambiental): Escalas e o Presentismo Da Devastação." *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) Revista de La Solcha* 9, no. 2 (2019): 64-94.

européu tende a ser mais dominantes nestas discussões. Todas estas narrativas são pontos centrais nas ideias hegemônicas deste sistema³⁸.

O Antropoceno responsabiliza os seres humanos de forma igualitária, quando a causa das crises ambientais possui relação direta com o sistema mundo capitalista. A crença na tecnologia, a apropriação dos territórios, o imperialismo e o racismo continuam a ser importantes processos que legitimam, mas também trazem pontos fracos ao capitalismo. O mundo biofísico é entendido dentro do Capitaloceno como mercadoria para a geração de lucro e acumulação de capital. Contudo, a exploração da natureza, sejam os conhecimentos culturais humanos ou a natureza extra-humana começa a provocar forte resistência frente aos agentes do capital que provocam as crises ambientais.³⁹ Essa exploração ocorre em todos os recônditos globais em todos os biomas e regiões do planeta⁴⁰.

Silva e Lopes⁴¹ questionam algumas críticas às propostas do ensaio do filósofo indiano Chakrabarty, como a ideia de uma crise ambiental planetária fora do alcance da luta de classes marxista. O modelo de Antropoceno de Chakrabarty consideraria a própria natureza como agente das mudanças que o planeta passa, não apenas como algo realizado pelas sociedades humanas⁴².

Este obscurantismo do papel do capitalismo na ordem mundial de fenômenos globais dentro das sociedades fez surgir a própria ideia de Era do Capitaloceno, onde capital, natureza e poder se coadunariam em uma forma específica de organização da natureza, que (re)produz os riscos ambientais que ameaçam o equilíbrio ecológico e climático do planeta. Chakrabarty cai em armadilhas epistemológicas que agradam aos mais ricos, pois ao argumentar que os problemas de injustiça ambiental só fazem sentido dentro de uma perspectiva antropocêntrica, se tira a capacidade de criticar o sistema capitalista, já que as forças geológicas em si, são indiferentes ao que ocorre com a vida no planeta.

³⁸ Stefania Barca. "Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*." *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

³⁹ Jason W. Moore, "The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy." *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237–79.

⁴⁰ Birgit Mahnkopf e José Bellver Soroa. "Geopolítica en el Capitaloceno". *Papeles de relaciones ecosociales y cambio global*, 146 (2019): 35-45.

⁴¹ André Felipe Silva e Gabriel Lopes. "Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores", *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, 11, n. 2 (2021): 348-396.

⁴² *Ibid*, 2021.

A questão da escassez de riquezas naturais demonstrada nos artigos de Jason Moore, é um dos maiores exemplos dos equívocos do Antropoceno. Moore diz que o Antropoceno é despolitizador⁴³ em sua essência ao entender que a escassez sempre ocorreu na chamada natureza, não necessitando de análises mais acuradas do porquê da diminuição das riquezas naturais. Entretanto, dentro desta perspectiva, a busca por riquezas naturais pelas potências capitalistas é encoberta por discursos generalizantes.

A proposta de estágios diferentes do Antropoceno também marcaria as crises ambientais planetárias que vemos no mundo atual. O primeiro estágio seria a época da revolução industrial, o segundo a grande aceleração e o terceiro, a época atual, onde as sociedades humanas se tornam mais conscientes do perigo das mudanças planetárias e a partir disso, começam a promover melhorias levando em consideração a complexidade da tecnologia⁴⁴. O Antropoceno descrito por Lopes e Vianna Junior⁴⁵ supera a dicotomia entre sistemas naturais e sistemas culturais a partir da inclusão do mundo natural no tempo de vida das sociedades.

Barca⁴⁶, por outro lado, destaca que a narrativa do Antropoceno não é nada mais do que outro discurso que serve para manter a hegemonia de determinados povos do planeta (europeus e americanos do norte), de classe e de gênero (homem sobre a mulher). É um conceito que ajuda na manutenção do *status quo* social e que os maiores destruidores podem resolver as crises ecológicas globais com mais capitalismo.

As contradições intrínsecas dentro do sistema econômico capitalista são expostas por Escalera-Briceño, Ángeles-Villa e Palafox-Muñoz que pontuam o papel do Marxismo em sua vertente ecológica na era do Capitaloceno⁴⁷. A economia baseada em modelos liberais trata a natureza extra-humana em algo sempre comercial e

⁴³ Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594–630.

⁴⁴ Cleyton M. da Silva e Graciela Arbillá. "Anthropocene: The Challenges for a New World." *Revista Virtual de Química* 10, no. 6 (2018): 1619–47.

⁴⁵ Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. "O Antropoceno Como Regime de Historicidade." *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9–24.

⁴⁶ Stefania Barca. "Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno." *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

⁴⁷ Alejandro Escalera-Briceño, Manuel Ángeles-Villa e Alejandro Palafox-Muñoz. "¿Por Qué Se Debe Considerar Al Marxismo Ecológico En La Era Del Capitaloceno?" *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, no. 23 (2018): 69–90..

fechado. Deve-se tratar e tornar a economia como algo aberto mais humanizado e longe de análises economicistas sem qualquer capacidade de análise mais crítica.

As crises ecológicas mundiais sob perspectiva antropológica, podem estabelecer três relações distintas de sociedades frente ao mundo biofísico: orientalismo, paternalismo e comunalismo⁴⁸. A Era do Capitaloceno está integrada com as relações do orientalismo e do paternalismo porque estabelecem divisões entre cultura e natureza ao mesmo tempo que ora tratam a natureza como simples objeto, ora a tratam como algo importante que necessita ser cuidada pelos seres humanos. A visão comunalista é muito mais complexa porque foi a visão predominante de inúmeros povos que habitavam regiões que se tornaram colônias europeias desde a época das grandes navegações e que foi sendo suprimida dos debates contemporâneos conforme a Era do Capitaloceno foi avançando⁴⁹.

Estar na Era do Antropoceno, significa que o debate ambiental estará escondido em questões econômicas que passam uma espécie de verniz ideológico sobre as reais intenções dos agentes do capital. O chamado capitalismo verde é apenas outra forma expressa de despolitização dos indivíduos nas sociedades capitalistas. Até parte da chamada esquerda e progressistas em geral caem na construção ideológica de que não existe natureza no sentido pleno e isso agrada às ideias do Antropoceno⁵⁰.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA AMBIENTAL AO DEBATE

Chakrabarty diz que as lutas por justiça social e a desigualdade por si só, não explicam as questões mais importantes e desafiantes do Antropoceno. Em suas 4 teses há um dualismo que compara o humano capitalista da globalização e o humano como força geológica neutra do planeta. O pensador indiano não consegue se posicionar dentro deste binarismo e isso tende a ser criticado por visões mais marxistas ou progressistas da sociedade por serem atraentes aos que provocam os problemas

⁴⁸ Ayelen Dichji. "Naturaleza y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios Entre La Historia Ambiental y La Antropología." *Revista Luna Azul* 44 (2017): 277-93.

⁴⁹ Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594-630.

⁵⁰ Horacio Alejandro César Machado Aráoz, "Sobre la Naturaleza realmente existente: la entidad 'América' y los orígenes del Capitaloceno". *Actual Marx*, n° 20 (2016).

socioambientais globais. A História Ambiental vai além deste dualismo e pode acrescentar debates importantes ao contar as histórias naturais das sociedades, promovendo análises mais críticas da obtenção de riquezas naturais e o que aconteceu no passado para ter a escassez que assombra o planeta hoje pelas atividades capitalistas. Assim, a busca por justiça ambiental pode ser alcançada por outras visões menos neutras da realidade que vivemos, além de fazer as ciências humanas saírem do velho antropocentrismo⁵¹.

Moore⁵² corrobora essa perspectiva ao enfatizar que os historiadores ambientais valorizam a importância cultural de características das sociedades na busca por riquezas naturais desde tempos passados. Essa leitura supera o binarismo imposto pelo Antropoceno e corrobora com a crítica trazida pela corrente do Capitaloceno. A História Ambiental mostra as origens do capitalismo e como as estratégias capitalistas dentro da era do Capitaloceno vêm promovendo ecocídios, destruição ambiental em larga escala, escravização e privatização de terras comunais desde o seu surgimento na Europa. A História Ambiental ajuda na distinção entre fatos históricos e geológicos⁵³.

A História Ambiental internaliza as demandas ambientais da sociedade, promovendo mais importância para a ciência histórica porque inclui temas antes relegados apenas aos que estudavam efeitos ambientais danosos perpetrados pelo ser humano no planeta e seus impactos na natureza. Este campo do saber enfatiza que as mais diversas sociedades humanas influenciam e são influenciadas pelas dinâmicas dentro das relações sociedade e natureza⁵⁴.

A História Ambiental contribui para a construção de um caminho epistemológico de diálogo com saberes tradicionais. Barbosa e Aguiar demonstram essa relevância ao propor estratégias de gestão de áreas protegidas que levem em

⁵¹ André Felipe Silva e Gabriel Lopes. "Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores", *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, 11, n. 2 (2021): 348-396.

⁵² Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594-630.

⁵³ Jason W. Moore, "The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy." *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237-79.

⁵⁴ Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. "O Antropoceno Como Regime de Historicidade." *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9-24.

consideração a história oral e os saberes de povos que vivem em territórios muito tempo antes da construção das políticas ambientais contemporâneas⁵⁵.

A natureza como algo sagrado e feminino não pode ser entendida como cenários passivos ou de mero suporte de atividades econômicas determinadas pelos mais fortes dentro da disputa capitalista, geralmente europeus e homens brancos. A ecologia das plantas, animais não-humanos, mulheres, crianças, biomas e povos da Terra são entidades essenciais para a construção da vida e para a produção e reprodução do trabalho. Os corpos femininos, assim como os corpos negros durante a escravização, se tornam, na expressão de Moore⁵⁶, “naturezas baratas” para a privatização e posse de agentes econômicos capitalistas.

A ideia das naturezas baratas de Jason Moore dialoga com a História Ambiental ao atentar para o esgotamento do tempo histórico dos quatro elementos que são a energia, a alimentação humana, a matéria-prima e a própria força de trabalho. Os indicadores baseados em naturezas baratas são um importante ponto de reflexões para relações mais complementares entre ciências híbridas como a História Ambiental junto a pensadores de outros campos do saber⁵⁷.

Colacios e Arruda contribuem com a História Ambiental ao demonstrarem que a devastação da natureza no tempo presente é uma continuação do passado⁵⁸. A noção de crime contra a humanidade poderia ser aplicada aos casos de destruição e aniquilamento de biomas ou espécies de animais e plantas ao longo do tempo. Esse ecocídio é sustentado pelos efeitos danosos que as potências coloniais infligiram ao continente americano. Para Dichdji⁵⁹ a natureza humana e a extra-humana foram dizimadas junto com as etnias nativas que sucumbiram à exploração desenfreada das atividades econômicas capitalistas.

⁵⁵ José Aécio Alves Barbosa e José Otávio Aguiar. “Etnoconservação e História Ambiental Para Um Novo Modelo Conservacionista Do Século XXI.” *Novos Cadernos NAEA* 21, no. 1 (2018): 243–55.

⁵⁶ *Ibid.*, 2017, p.600.

⁵⁷ Alejandro Escalera-Briceño, Manuel Ángeles-Villa e Alejandro Palafox-Muñoz. “¿Por Qué Se Debe Considerar Al Marxismo Ecológico En La Era Del Capitaloceno?” *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, no. 23 (2018): 69–90.

⁵⁸ Gilmar Arruda e Roger Colacios. “Considerações Ético-Políticas Na História (Ambiental): Escalas e o Presentismo Da Devastação.” *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) Revista de La Solcha* 9, no. 2 (2019): 64–94.

⁵⁹ Ayelen Dichdji. “Naturaleza y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios Entre La Historia Ambiental y La Antropología.” *Revista Luna Azul* 44 (2017): 277–93.

A História Ambiental vista pela ótica do trabalho de pensadores como Colacios e Arruda⁶⁰ é a história da apropriação privada das florestas e demais ecossistemas do planeta para a privatização das riquezas naturais e culturais, o que continua acarretando inúmeros conflitos ambientais bem como as sucessivas crises do capitalismo. A História Ambiental é um campo do conhecimento que contribui para possíveis análises dos conflitos ambientais ao reunir e situar fatos importantes das atividades econômicas pretéritas nas dinâmicas territoriais contemporâneas.

3.3. A HISTÓRIA AMBIENTAL E O CAPITALOCENO

Especificamente a partir da Era do Capitaloceno, a História Ambiental traz contribuições para a compreensão das mudanças estruturais das sociedades e o uso da técnica desde a época das grandes navegações, onde começou o período de maior acumulação de riquezas e conquista de outros territórios na história⁶¹.

O Capitaloceno é um conceito onde o mundo pode ser explicado na transformação da natureza e dos seres humanos em naturezas baratas para que a acumulação do capital continue desenfreadamente⁶². Esta acumulação deixa um duplo passivo: i. social com a exploração dos trabalhadores desde a época da escravidão; ii. ecológico por causa da apropriação e depauperamento dos territórios ameríndios usurpados desde o período colonial⁶³.

O Capitaloceno demonstra que os seres humanos estabelecidos em vários tipos de sociedades no mundo, produzem muitas realidades distintas e cosmologias de mundo onde desigualdades de raça, gênero e classes podem ser visualizadas em sociedades capitalistas atuais. Tudo isto, fica escondido dentro das ideias do Antropoceno, onde a grande diversidade cultural de relações e apropriações dos

⁶⁰ Ibid, 2019.

⁶¹ Jason W. Moore, "The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy." *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237–79.

⁶² Alejandro Escalera-Briceño, Manuel Ángeles-Villa e Alejandro Palafox-Muñoz. "¿Por Qué Se Debe Considerar Al Marxismo Ecológico En La Era Del Capitaloceno?" *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, no. 23 (2018): 69–90.

⁶³ Stefania Barca. "Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*." *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

elementos naturais humanos e não-humanos são compreendidos como iguais em sua essência⁶⁴.

O Capitaloceno explica as discrepâncias homogeneizantes do Antropoceno ao clarificar os efeitos desiguais das atividades econômicas sobre o planeta⁶⁵ e mostrar que uma força que atua sobre o que se chama natureza dentro do escopo de ser humano, apenas divide esta mesma sociedade/natureza invisibilizando a culpa do sistema econômico capitalista.

Jason Moore destaca que os hiatos históricos não apresentados no Antropoceno são de suma importância para o entendimento das crises sistêmicas atuais onde grandes acontecimentos históricos criaram condições para cada vez mais acumulação como: a destruição das florestas do Mediterrâneo pela indústria naval ou a destruição das florestas do nordeste do Brasil pela cana-de-açúcar⁶⁶. Moore⁶⁷ adota uma interpretação eco-histórica do Capitaloceno para explicar as crises ecológicas mundiais de forma a se enxergar o sistema mundo capitalista como sistema de ecologia-mundo.

As ideias de separação entre seres humanos e natureza colaboram com a exploração que está colocando em risco os sistemas físicos do planeta deixando de ser natureza dentro da ótica mercadológica do capitalismo⁶⁸. O mundo atravessa por isso, uma das maiores crises sistêmicas da história que afeta todas as esferas sociais da vida nas sociedades através desse sistema econômico capitalista⁶⁹.

Segundo Barca, o chamado trabalho reprodutivo é diametralmente oposto a outras formas de trabalho ligadas a outros fins, então a Era do Capitaloceno é entendida a partir de seu funcionamento prático como a mercadorização de tudo (pessoas e natureza), que se tornam meros apêndices para acumulação e capital. Isso

⁶⁴ Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594–630.

⁶⁵ Eduardo Barcelos. "Antropoceno Ou Capitaloceno: Da Simples Disputa Semântica à Interpretação Histórica Da Crise Ecológica Global." *Revista Iberoamericana de Economía Ecológica* 31, no. 1 (2019): 1–17. [https://redibec.org/ojs/index.php/revibec/article/view/356#:~:text=Os efeitos do crescimento populacional, o desenvolvimento da crise atual](https://redibec.org/ojs/index.php/revibec/article/view/356#:~:text=Os%20efeitos%20do%20crescimento%20populacional,%20desenvolvimento%20da%20crise%20atual).

⁶⁶ Jason W. Moore, "The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy." *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237–79.

⁶⁷ *Ibid*, 2018.

⁶⁸ Raymond Williams, *Cultura e Materialismo* (São Paulo: Unesp, 2011).

⁶⁹ Enrique Leff. "Ambiente Viral," no. 2 (2021): 1–26.

esgota e aniquila os povos e o meio biofísico cultural (natureza). Para Barca⁷⁰: A agricultura de subsistência, a pesca e a recolha de alimentos, o trabalho doméstico, a horticultura urbana, o ensino, a enfermagem, os cuidados de saúde, a recolha de lixo e a reciclagem são formas de trabalho reprodutivo no sentido em que são essenciais para o desenvolvimento da humanidade na sua interdependência com o mundo não-humano.

As razões epistêmicas do Capitaloceno são influenciadas pelo mecanismo cartesiano, onde a natureza não é entendida como sacralidade. Este tipo de pensamento legitima a visão de uma natureza produto e sem significados além de meio para se obter lucro e não leva em consideração o trabalho reprodutivo descrito anteriormente⁷¹. Dentro da Era do Capitaloceno, são desnudadas as relações históricas entre natureza e sociedades humanas para parâmetros que expliquem as reconstruções modernas das epistemologias coloniais⁷² e decoloniais.

Tendo em vista que grandes agentes e empresas adotam o chamado Capitalismo Verde, algumas práticas de responsabilidade ambiental são seguidas por estas instituições econômicas, mas qualquer resistência pelos abusos cometidos tem como resposta a criminalização e repressão brutais na luta pela natureza em regiões periféricas do capitalismo como a América Latina⁷³.

Segundo Davis, houve dentro da colonização promovida pelos europeus, muitos holocaustos coloniais até mesmo anteriores ao que ocorreu no século XX na ascensão do nazifascismo⁷⁴. Políticas coloniais sobre o gerenciamento de riquezas naturais ocasionaram fomes e epidemias que vitimaram milhares de pessoas nos territórios colonizados. O vírus da Covid-19 é um sintoma das condições atuais de vida impostas na Era do Capitaloceno⁷⁵.

⁷⁰ Stefania Barca. "Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*." *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

⁷¹ Horacio Alejandro César Machado Aráoz, "Sobre la Naturaleza realmente existente: la entidad 'América' y los orígenes del Capitaloceno". *Actual Marx*, n° 20 (2016).

⁷² Jason W. Moore "The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis." *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594–630.

⁷³ Héctor Alimonda, *La colonialidad de la naturaleza*, Una aproximación a la Ecología Política (Buenos Aires: Ciccus, 2011).

⁷⁴ Mike Davis, *Holocaustos coloniais*. (São Paulo:Record, 2002).

⁷⁵ Enrique Leff. "Ambiente Viral," no. 2 (2021): 1–26.

O despovoamento realizado pelos europeus em vastas regiões do planeta, como citado por Crosby⁷⁶, fez com que novas naturezas fossem construídas nestes territórios, mas o preço pago foi imenso para a natureza humana e extra-humana. Ocorreram genocídios e epistemicídios onde formas culturais e biológicas jamais serão conhecidas pelas gerações atuais e futuras⁷⁷.

Um tipo de historicidade construída pela História Ambiental é a noção de tropicalidade relativa aos países mais quentes que foram em sua grande parte colonizados por potências europeias. A partir desta ideia, os trópicos são apropriados pelo imperialismo em busca de suas riquezas naturais e culturais para a propagação do capitalismo pelo mundo⁷⁸. A História dos trópicos foi carregada de eventos imperialistas para legitimação das chamadas civilizações cristãs europeias que reafirmam o dualismo natureza/sociedade para mostrar que alguns povos são superiores a outros⁷⁹.

O imperialismo pode ser visto pela ótica das trocas bioculturais entre a Europa e os continentes onde os europeus se estabeleceram (Ásia, África e Oceania). Animais, plantas e pessoas seguiram para territórios onde jamais estiveram antes ou tinham histórias evolutivas. Alguns se adaptaram da melhor forma possível e outros sucumbiram às políticas imperiais colonialistas que trataram territórios ocupados como vazios demográficos para exploração e domesticação de povos nativos, fauna e flora⁸⁰.

Questionar a narrativa hegemônica do Antropoceno dentro da Era do Capitaloceno requer a desconstrução dos seus quatro níveis de invisibilização despolitizantes: as relações coloniais (só importa o ocidente), as relações de gênero (só importam as forças de reprodução tecnológicas e científicas), as relações de classe

⁷⁶ Alfred W. Crosby, *Imperialismo ecológico*. (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

⁷⁷ *Ibid*, 2011.

⁷⁸ David Arnold, *La naturaleza como problema histórico*, el medio, la cultura y la expansión de Europa. (Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2000).

⁷⁹ Germán Palacio. "Historia tropical: a reconsiderar las nociones de espacio, tiempo y ciencia". *Tareas*, n. 120 (2005): 29-65.

⁸⁰ Warren Dean. "A Botânica e a Política Imperial: A Introdução e a Domesticação de Plantas No Brasil." *Revista Estudos Históricos* 4, no. 8 (1991): 216–28.

(não interessa a desigualdade e a exploração) e as relações entre espécies (onde o mundo vivo extra-humano não interessa)⁸¹.

Segundo Lopes e Viana Junior, estas grandes mudanças realizadas pelas forças coloniais dos países ricos são tão profundas que permitiram que o mundo fosse cada vez mais modificado e alterado⁸². A partir daí, criam-se novas naturezas nos territórios dos antigos biomas originais surgindo verdadeiros antromas, tal qual o entrelaçamento entre cultura e ambiente que há no planeta ao longo de centenas de anos. Estas paisagens humanizadas são características dentro da Era do Capitaloceno. Aráoz demonstra como isso ocorreu dentro dos antigos territórios originais colonizados no continente americano⁸³.

En definitiva, sin la apropiación inseparablemente material y simbólica de la naturaleza americana, es históricamente inconcebible la posterior conformación del capitalismo como ecología-mundo. Esto significa que la “cara oculta de la Modernidad” no implica sólo la naturalización de la Naturaleza como objeto, la naturalización del antropocentrismo como régimen de las sociabilidades y las subjetividades dominantes y del clasismo /racismo como patrón de jerarquización de los cuerpos. Esas naturalizaciones tienen gravosas consecuencias energético materiales (ecobiopolíticas), cuyas huellas se imprimen en esos territorios/ cuerpos enclasados/racializados. Significa que no hay colonialidad sin colonialismo; y que no hay capitalismo sin extractivismo [...]

Esta apropriação e colonização da natureza segue o curso hegemônico na periferia do capitalismo global, como na América Latina, onde projetos coloniais jamais deixaram de ser mantidos pelas potências capitalistas⁸⁴. A História Ambiental é a própria história de nossa época e deve ser um campo de conhecimento que mostra que os povos que vivem na periferia do capitalismo possuem uma história e conhecimentos de mundo que devem ser valorizados. Estes povos habitam mundos junto com a natureza extra-humana como partes indissociáveis nestas relações

⁸¹ Stefania Barca. “Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*.” *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020).

⁸² Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. “O Antropoceno Como Regime de Historicidade.” *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9–24.

⁸³ Horacio Alejandro César Machado Aráoz, “Sobre la Naturaleza realmente existente: la entidad ‘América’ y los orígenes del Capitaloceno”. *Actual Marx*, n° 20 (2016), p.221.

⁸⁴ Héctor Alimonda, *La colonialidad de la naturaleza*, Una aproximación a la Ecología Política (Buenos Aires: Ciccus, 2011).

cultura x natureza. Os animais, plantas, fungos, biomas e ecossistemas da América Latina são testemunho vivo de antigas relações sócio-ecológicas que existem neste continente muito tempo antes da chegada dos europeus. A História Ambiental se transforma em uma grande estratégia de luta para que se evitem mais epistemicídios ao se valorizar conhecimentos ancestrais sobre a natureza em oposição à destruição dos ambientes sócio-ecológicos da terra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, foram trazidos elementos para situar a História Ambiental como um campo do saber necessário para se ampliar as discussões acerca do Antropoceno. Essa contribuição ocorre tanto ao destacar o papel de sociedades humanas no tempo histórico como ao promover uma crítica à separação entre seres humanos e natureza. Desvela, ainda, a história do sistema capitalista no mundo e como suas ideias de exploração e acumulação promovem desterritorialização e ameaçam o planeta para grande parte dos povos e espécies de animais e plantas. Traz, portanto, elementos fundamentais para superar a principal limitação do Antropoceno, i. e., a generalização do papel das sociedades humanas no planeta sem considerar suas diferenças culturais, históricas e ontológicas.

A partir da ótica do Capitaloceno, foram analisados os caminhos para que a História Ambiental auxilie nos esforços teóricos de compreensão acerca das diferenças entre as causas econômicas e humanas das crises ambientais planetárias. A importância da História Ambiental dentro da análise da Era do Capitaloceno pode ser interpretada dentro do escopo das relações das sociedades humanas frente ao que conhecemos como natureza, porque o desequilíbrio ecológico e climático do planeta é resultado da ação de agentes e interesses econômicos transnacionais.

Entender e interpretar a natureza dentro dos estudos históricos pode influenciar outros pesquisadores de temas ambientais para a valorização de outras formas de epistemologias e suas maneiras de se relacionarem no mundo. Assim, há amplas possibilidades de estudos dentro das características das sociedades humanas em suas relações sócio-ecológicas com a natureza frente a possíveis alternativas ao sistema de ecologia mundo capitalista.

O ecocídio e o etnocídio promovidos pelo avanço do capitalismo trazem a emergência de se construírem novas (ou resgatar antigas) formas de relação com a natureza e romper com a dualidade sociedade/natureza. A História Ambiental estabelece uma ponte entre as limitações do Antropoceno e a crítica do Capitaloceno situando as dinâmicas socioeconômicas no tempo e analisando territorialmente os impactos do sistema capitalista em cada momento histórico de forma a traçar horizontes futuros para a sobrevivência da diversidade cultural e ecológica neste ambiente comum chamado Terra.

REFERÊNCIAS

Alejandro Escalera-Briceño, Manuel Ángeles-Villa e Alejandro Palafox-Muñoz. “¿Por Qué Se Debe Considerar Al Marxismo Ecológico En La Era Del Capitaloceno?” *Letras Verdes. Revista Latinoamericana de Estudios Socioambientales*, no. 23 (2018): 69–90.

Alfred W. Crosby, *Imperialismo ecológico* (São Paulo: Companhia das Letras, 2011).

Alfredo Ricardo Silva Lopes e Mário Martins Viana Junior. “O Antropoceno Como Regime de Historicidade.” *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais* 12, no. 23 (2020): 9–24. <https://doi.org/10.14295/rbhcs.v12i23.11708>.

André Felipe Silva e Gabriel Lopes. “Entre Horizontes e Sedimentos: o Impacto do Antropoceno na História a partir de Chakrabarty e seus Interlocutores”, *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) revista de la Solcha*, 11, n. 2 (2021): 348-396.

Andreas Malm e Alf Hornborg. “The Geology of Mankind? A Critique of the Anthropocene Narrative.” *Anthropocene Review* 1, no. 1 (2014): 62–69. <https://doi.org/10.1177/2053019613516291>.

Ayelen Dichdji. “Naturaleza y Cultura: Diálogos Interdisciplinarios Entre La Historia Ambiental y La Antropología.” *Revista Luna Azul* 44 (2017): 277–93. <https://doi.org/10.17151/luaz.2017.44.17>.

Benilson Borinelli, Fabio Coltro, Josiane Rowiechi e Kauana Rosa da Silva. “Natureza Barata e Desigualdade Hidrossocial No Capitaloceno.” *Revista Gestão & Conexões* 9, no. 3 (2021): 122–46. <https://doi.org/10.47456/regec.2317-5087.2020.9.3.32045.122-146>.

Birgit Mahnkopf e José Bellver Soroa. “Geopolítica en el Capitaloceno”. *Papeles de relaciones ecosociales y cambio global*, 146 (2019): 35–45.

Cleyton M. da Silva e Graciela Arbillá. “Anthropocene: The Challenges for a New World.” *Revista Virtual de Química* 10, no. 6 (2018): 1619–47. <https://doi.org/10.21577/1984-6835.20180111>.

David Arnold, *La naturaleza como problema histórico, el medio, la cultura y la expansión de Europa* (Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2000).

Eduardo Barcelos. “Antropoceno Ou Capitaloceno: Da Simples Disputa Semântica à Interpretação Histórica Da Crise Ecológica Global.” *Revista Iberoamericana de Economía Ecológica* 31, no. 1 (2019): 1–17.

Enrique Leff. “Ambiente Viral,” no. 2 (2021): 1–26.

Enrique Leff. “Construindo a História Ambiental da América Latina”. *Esboços* 12, no. 13 (2005): 11–29.

Germán Palacio. “Historia tropical: a reconsiderar las nociones de espacio, tiempo y ciencia”. *Tareas*, n. 120 (2005): 29–65.

Gilmar Arruda e Roger Colácios. “Considerações Ético-Políticas Na História (Ambiental): Escalas e o Presentismo Da Devastação.” *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) Revista de La Solcha* 9, no. 2 (2019): 64–94. <https://doi.org/10.32991/2237-2717.2019v9i2.p64-94>.

Héctor Alimonda, *La colonialidad de la naturaleza, Una aproximación a la Ecología Política* (Buenos Aires: Ciccus, 2011).

Horacio Alejandro César Machado Araújo, “Sobre la Naturaleza realmente existente: la entidad América y los orígenes del Capitaloceno”. *Actual Marx*, n° 20 (2016).

Jason W. Moore “The Capitalocene, Part I: On the Nature and Origins of Our Ecological Crisis.” *Journal of Peasant Studies* 44, no. 3 (2017): 594–630. <https://doi.org/10.1080/03066150.2016.1235036>.

Jason W. Moore, “The Capitalocene Part II: Accumulation by Appropriation and the Centrality of Unpaid Work/Energy.” *Journal of Peasant Studies* 45, no. 2 (2018): 237–79. <https://doi.org/10.1080/03066150.2016.1272587>.

Jason W. Moore, *Capitalism in the web of life: Ecology and the Accumulation of Capital* (London: Verso, 2015).

José Aécio Alves Barbosa e José Otávio Aguiar. “Etnoconservação e História Ambiental Para Um Novo Modelo Conservacionista Do Século XXI.” *Novos Cadernos NAEA* 21, no. 1 (2018): 243–55. <https://doi.org/10.5801/ncn.v21i1.3795>.

José Augusto Pádua e Alessandra Izabel de Carvalho. “A Construção de Um País Tropical: Uma Apresentação Da Historiografia Ambiental Sobre o Brasil.” *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 27, no. 4 (2020): 1311–40. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702020000500015>.

José Augusto Pádua. “As Bases Teóricas Da História Ambiental.” *Estudos Avançados* 24, no. 68 (2010): 81–101. <https://doi.org/10.1590/s0103-40142010000100009>.

Maria Clara Catanho Cavalcanti. “Antropoceno: A Construção Discursiva de Um Conceito.” *Revista Investigações* 34, no. 2 (2021): 1–28. <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2021.247502>.

Mike Davis, *Holocaustos coloniais* (São Paulo: Record, 2002).

Paul J. Crutzen, *Geology of mankind* Crutze, *Nature* 415, 23, (2002).

Raymond Williams, *Cultura e Materialismo* (São Paulo: Unesp, 2011).

Simon L. Lewis e Mark A. Maslin, *Defining the anthropocene*. *Nature*, v. 519, n. 7542, (2015) p. 171-180.

Stefania Barca. “Forças de Reprodução. O Ecofeminismo Socialista e a Luta Para Desfazer o Antropoceno*.” *E-Cadernos CES*, no. 34 (2020). <https://doi.org/10.4000/eces.5448>.

Stefania Gallini. “Invitación a La Historia Ambiental.” *Tareas* 120 (2005): 5–27.

Warren Dean. “A Botânica e a Política Imperial: A Introdução e a Domesticação de Plantas No Brasil.” *Revista Estudos Históricos* 4, no. 8 (1991): 216–28.

Will Steffen et al. *The Anthropocene: conceptual and historical perspectives*. *Philosophical Transactions of the Royal Society A: Mathematical, Physical and Engineering Sciences*, v. 369, n. 1938, (2011) p. 842-867.

Environmental History and the Ages of Man and Capital

ABSTRACT

The aim of this article is to establish the relationships between Environmental History and its dynamics with the Capitalocene and Anthropocene, and also highlight its importance for the analysis of current environmental issues. The environmental issue has been revisited based on concepts such as Capitalocene and Anthropocene. We believe that a comparative analysis of these concepts through the perspective of environmental history can contribute to give a more integrative view of the relations between society and nature. This study is based on an integrative literature review published between 2016 and 2021, which addressed themes and analyses directly related to the field of environmental history as well as concepts of Capitalocene and Anthropocene. The results demonstrate that the field of Environmental History has been growing along with the work on the diverse views of the Anthropocene. On the other hand, there is a shortage of works in the Capitalocene area. We concluded that Environmental History with its long-term analyses constitutes a field of knowledge that has specific contributions to critical reflections and to the politicization of the environmental issue. This research contributes not only to the construction of elements for a critical analysis of the concept of Anthropocene from environmental history, but also to strengthen discussions about the differences, forces and forms of relationship between societies and nature, which were brought by the Capitalocene.

Keywords: environmental crisis; society; nature; anthropocene.

Recibido: 05/08/2022
Aprovado: 24/02/2023